UM MÉTODO POÉTICO: BIOGRAFEMA, BRECHAS E ATRAVESSAMENTOS

Monique Soccol Pavan[1]
Universidade de Caxias do Sul (UCS) | Mestrado em Educação
mspavan@ucs.br

RESUMO

Este trabalho discute o biografema como possibilidade de leitura, escrita e pesquisa em Educação, a partir de um percurso formativo vivido no seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação do curso de Mestradao em Educação da Universidade de Caxias do Sul. O objetivo é compreender como o contato com a dissertação Práticas de leitura literária e escrita no Ensino Médio: a vida em biografema, de Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju (2018), desloca a compreensão do método e convoca a atenção às brechas, aos detalhes e aos atravessamentos que participam da formação de uma professora-pesquisadora. Desenvolve-se um estudo qualitativo, bibliográfico e ensaístico-reflexivo, fundamentado na leitura da dissertação de Maruju (2018), bem como na retomada de cenas formativas narradas pela autora. O percurso organiza três núcleos interpretativos: as brechas do encontro pedagógico, o detalhe na escritura biografemática e os atravessamentos entre leitura, docência e produção de conhecimento. A discussão aponta que o biografema, na leitura aqui construída, não se reduz a um procedimento linear nem dispensa o rigor da pesquisa; exige atenção à singularidade dos fragmentos, explicitação das escolhas interpretativas e responsabilidade com as vidas e as fontes mobilizadas. Conclui-se que o método pode ser pensado como parte da própria produção da escrita, mantendo-se distintos os registros da experiência, as proposições das obras estudadas e os limites da interpretação.

Palavras-chave: Biografema, metodologia da pesquisa, escrita acadêmica, formação docente, experiência.

INTRODUÇÃO

São nas brechas que a vida acontece. A frase, que atravessa a escrita deste ensaio, surge da experiência de uma mestranda em Educação diante dos encontros, das leituras e das perguntas que acompanham sua formação como professora-pesquisadora. Há caminhos projetados, orientações metodológicas e exigências acadêmicas. Há, também, desvios, conversas, afetos e detalhes que não se deixam prever. É nesse encontro entre o planejamento e aquilo que escapa que o biografema passa a interessar como possibilidade de leitura, de escrita e de pesquisa em Educação.

O percurso tem início nos encontros de uma turma de oito mulheres no Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Entre sextas-feiras, sábados, aulas, cafés e conversas, as singularidades da convivência se tornam perceptíveis: ritmos diferentes, formas distintas de se aproximar dos estudos, inquietações com os prazos, expectativas e desejos de aprender. Não se pretende tomar essas diferenças como categorias ou perfis. O que importa é

[1] Universidade de Caxias do Sul (UCS) - Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UCS), Mestranda em Educação. Linha História e Filosofia da Educação. Integrante da pesquisa "Pedagogia crítica, clínica e diferença", vinculada ao grupo CNPq "Filosofia, Educação e Multiplicidade na Contemporaneidade". E-mail: mspavan@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-2521-3632 e Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/1744104516203383 .

perceber que o espaço acadêmico é habitado por vidas que excedem a condição de estudantes e se fazem presentes na experiência coletiva de formação.

No seminário de Metodologia da Pesquisa em Educação, ministrado pela Professora Dra. Rochele Andreazza Maciel, um conjunto de propostas e interlocuções provoca um deslocamento no modo de pensar o método. Entre esses acontecimentos, destaca-se a apresentação da Profa. Dra. Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju, cuja dissertação, Práticas de leitura literária e escrita no Ensino Médio: a vida em biografema (2018), passa a ser lida como uma experiência de pesquisa e, simultaneamente, como uma provocação à própria escrita. A apresentação conduz ao encontro com uma questão que insiste: de que maneira um método pode acontecer na atenção aos gestos, às minúcias e às vidas que atravessam a produção do conhecimento?

Este trabalho tem por objetivo compreender como o biografema se apresenta, a partir da leitura da dissertação de Maruju (2018) e de textos que dialogam com essa perspectiva, como um modo de pesquisar e escrever em Educação atento às brechas e aos atravessamentos. Especificamente, busca-se acompanhar os deslocamentos experimentados pela mestranda durante o seminário, discutir a atenção aos detalhes no método biografemático e examinar como a relação entre leitura, escrita e experiência participa da constituição de uma professora-pesquisadora.

A relevância dessa reflexão situa-se na possibilidade de problematizar a ideia de método como roteiro fechado, sem dispensar o rigor da pesquisa acadêmica. Ao invés de opor rigor e sensibilidade, o ensaio procura pensar os critérios que tornam comunicável uma leitura implicada. O biografema não constitui uma autorização para afirmar qualquer coisa sobre as vidas alheias. Ele convoca um trabalho cuidadoso com os rastros encontrados, com as escolhas de quem escreve e com o alcance das interpretações que se tornam possíveis.

A escrita em primeira pessoa é uma decisão metodológica. Não procura substituir a argumentação pela confissão; busca tornar perceptível a posição de quem lê, seleciona fragmentos e se deixa afetar por eles. As cenas do seminário e as anotações lembradas pela mestranda compõem o horizonte de implicação do texto. A dissertação e os estudos referenciados oferecem o material bibliográfico para a discussão conceitual. Desse encontro emerge um ensaio sobre um método que se faz no trajeto, sem abandonar a responsabilidade de nomear suas fontes e explicitar seu percurso.

METODOLOGIA

A investigação assume uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e ensaístico-reflexivo. O material central de leitura é a dissertação de Maruju (2018), produzida no âmbito do Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Integram o diálogo o artigo de Feil (2019), dedicado ao método biografemático como possibilidade de escritura em Educação, e o capítulo de Maruju, Matos e Ramos (2020), que discute o ler e escrever vidas em biografema no Ensino Médio. O trabalho não utiliza questionários, entrevistas nem observação sistemática de participantes: sua matéria de análise é a leitura dessas produções em relação às experiências formativas narradas pela própria pesquisadora.

O percurso constitui-se em três movimentos articulados. O primeiro retoma as cenas do seminário que tornam possível o encontro com o biografema: o grupo de mulheres, a mediação da professora, as propostas de aula, a apresentação de Maruju e os objetos cotidianos que permanecem na memória. O segundo acompanha passagens da dissertação e dos textos teóricos que mobilizam fragmento, detalhe, vida, leitura e escrita. O terceiro estabelece relações entre essas passagens e a formação de uma professora-pesquisadora que procura pensar a pesquisa para além da execução linear de etapas previamente fixadas.

Esse procedimento não corresponde a um levantamento destinado a comprovar efeitos da metodologia sobre estudantes do Ensino Médio. As experiências educativas apresentadas na dissertação de Maruju são examinadas como parte do trabalho publicado pela autora, e não como dados coletados novamente nesta investigação. Tampouco se pretende reconstituir a biografia da pesquisadora estudada. O exercício consiste em acompanhar o modo pelo qual a obra faz pensar a escrita e suscita perguntas no presente de quem a lê.

Durante a leitura, uma escolha ganha relevo. Prestar atenção às palavras recorrentes e, sobretudo, às passagens em que a discussão desloca a expectativa de encontrar um método prescrito. O texto original desta reflexão registrou, em levantamento realizado pela mestranda, 117 ocorrências de formas vinculadas ao termo biografema na dissertação: biografema, biografemas, biografemar, biografematicamente, biografemadas e biografemaram. Trata-se de um registro de leitura que indica insistência terminológica; isoladamente, a contagem não demonstra o funcionamento do método nem substitui o exame das passagens e de suas relações.

Assumir a leitura como um percurso implica distinguir o que se encontra nas obras daquilo que se produz como interpretação. Por isso, citações diretas aparecem acompanhadas de autoria, ano e página conforme indicados no texto de partida, enquanto as cenas do

seminário são apresentadas como recordações e elaborações da própria autora. A discussão não reivindica universalidade: ela se situa em um processo formativo singular, cuja potência analítica está em tornar explícitas as operações de leitura e os limites das afirmações produzidas.

O ensaio organiza seus resultados interpretativos em três núcleos: as brechas da formação e o encontro com o método; o detalhe e a escrita biografemática; e os atravessamentos na constituição da professora-pesquisadora. Esses núcleos não foram utilizados para classificar pessoas ou para reduzir as experiências a unidades mensuráveis. Servem, antes, para dar legibilidade ao percurso e permitir que a escrita poética dialogue com as exigências de um trabalho acadêmico completo.

REFERENCIAL TEÓRICO

No contato inicial com a dissertação de Maruju (2018), o biografema aparece como uma possibilidade de ler e escrever vidas sem submetê-las a uma sequência de fatos representativos. Em diálogo com Roland Barthes, mobilizado pela autora em seu estudo, o trabalho dirige a atenção aos traços e aos fragmentos capazes de deslocar a centralidade de uma biografia totalizante. Interessa menos completar uma narrativa de vida e mais acompanhar os detalhes que adquirem singularidade na relação entre quem escreve e as vidas com as quais a escrita se encontra.

Maruju (2018, p. 51) apresenta o biografema como tática implicada em ler e escrever com as vidas que nos tocam. O deslocamento é significativo: a singularidade assumida pelos acontecimentos na relação com quem biografema torna-se um elemento incontornável do processo. Assim, o texto não se confunde com um inventário neutro de episódios, mas tampouco pode dispensar o compromisso com as fontes e com a diferença entre acontecimento, memória e elaboração de quem escreve.

A formulação de Feil (2019, p. 4) oferece outra entrada para esse problema: “O método não se apropria dos detalhes já significados, mas dos detalhes vazios de significação”. A frase desloca a busca por elementos que confirmem, antecipadamente, uma explicação. O detalhe não chega à pesquisa trazendo necessariamente um sentido estabelecido; pode solicitar novas aproximações, novas perguntas e outras maneiras de dispor a escrita. Essa abertura não equivale à ausência de escolhas: requer atenção àquilo que se seleciona e à operação interpretativa realizada.

Em Maruju, Matos e Ramos (2020, p. 282), o biografema é aproximado do gesto de "ler e escrever com as vidas que nos tocam" e dos "traços das inutilezas" que essas vidas carregam. A expressão recusa o entendimento de que apenas acontecimentos reconhecidos como relevantes em uma hierarquia prévia poderiam participar da produção de conhecimento. Bilhetes, pequenos gestos, cenas de leitura e escritas de estudantes passam a ter interesse não porque representem integralmente uma vida, mas porque introduzem diferenças que merecem ser acompanhadas.

O valor desses detalhes não precisa ser tomado como atributo natural dos objetos. Ele se constrói na relação entre o vestígio, a leitura e a escrita. A máquina de escrever evocada no percurso desta pesquisadora, por exemplo, não se transforma em procedimento acadêmico por sua existência material. Seu interesse é o de fazer pensar o ato de escrever e a memória de pessoas e objetos que participam, de maneira não prevista, da experiência formativa. É nesse deslocamento que um objeto cotidiano pode adquirir força poética sem ser apresentado como evidência do funcionamento da pesquisa de outra autora.

Ao tratar do biografema em Educação, portanto, a discussão aqui desenvolvida não o propõe como receita a ser aplicada a qualquer situação. A relação entre leitura e escrita é compreendida como um campo de invenção e responsabilidade. Invenção, porque admite composições singulares; responsabilidade, porque demanda atenção às vidas e às palavras que circulam na pesquisa. Essa tensão contribui para compreender o encontro entre rigor acadêmico, experimentação de linguagem e formação docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura do material e a retomada das cenas do seminário permitem identificar três deslocamentos centrais. O primeiro refere-se à percepção de que o método não se separa da situação vivida por quem pesquisa. O segundo diz respeito ao detalhe como possibilidade de interromper narrativas excessivamente lineares. O terceiro aproxima a experiência da escrita de uma constituição de si que acontece nos encontros. Apresentam-se, a seguir, esses resultados interpretativos, sem atribuir às obras ou às pessoas observações que não foram documentadas no texto de partida.

4.1 BRECHAS: O ENCONTRO COM O MÉTODO

Os encontros da turma de mestrado reúnem oito mulheres que chegam ao seminário com tempos, responsabilidades e disposições diferentes. Há quem atribua à pontualidade uma forma de rigor; há quem experimente o tempo de outro modo. Existem conversas paralelas,

desabafos, cansaço, noites de estudo e perguntas que não estavam previstas. Essas pequenas diferenças não configuram uma tipologia de estudantes. Tornam visível, no entanto, que a formação acadêmica não se faz em um espaço abstrato, separado das condições concretas da vida.

A professora Rochele Andreazza Maciel conduz o seminário com planejamento, orientações e mediações que ajudam a turma a reconhecer percursos possíveis. Uma lembrança se destaca: a construção de um varal no qual cada participante encontra uma maneira de expor percepções e marcas de seu trajeto. A cena é retomada aqui como experiência significativa de formação, não como procedimento avaliado empiricamente. O varal participa da recordação de um encontro em que aquilo que cada pessoa carrega passa a fazer parte do trabalho pedagógico.

Na escrita de partida, surge o nome Mãe-Professora para evocar a atenção dispensada às diferenças e às necessidades presentes na sala. Não se trata de afirmar que o cuidado decorra da maternidade ou seja exclusivo das mulheres. A expressão pertence à sensibilidade da narradora e, nesta revisão, torna-se um modo de interrogar a docência: que gestos de acolhimento, escuta e mediação permitem reconhecer as singularidades sem transformar o outro em um modelo prévio de estudante?

Essa pergunta acompanha a experiência de quem também é professora. Na sala de aula, convivem estudantes que desejam falar e encontram dificuldades, que precisam de mais tempo, que se interessam por assuntos não previstos e que aprendem por percursos diferentes. A enumeração não pretende estabelecer perfis pedagógicos universais. Indica apenas por que o encontro com uma escrita atenta aos fragmentos adquire relevância para a pesquisadora: ele faz retornar questões sobre o que se percebe, o que se deixa de perceber e o que a organização do trabalho educativo permite acolher.

As brechas, nesse sentido, não são falhas a serem corrigidas no percurso metodológico. Nomeiam aquilo que emerge entre a preparação da aula e a experiência efetivamente vivida; entre a expectativa de encontrar um conjunto de normas e a descoberta de um problema de pesquisa; entre o desejo de controlar a escrita e a necessidade de acompanhar o que uma leitura provoca. É nessa zona de atenção que o método começa a deixar de parecer uma sequência exterior à pesquisadora.

4.2 O DETALHE E A ESCRITA BIOGRAFEMÁTICA

A apresentação de Viviane Cristina Pereira dos Santos Maruju interrompe uma expectativa. O primeiro contato é atravessado pelo som de um nome incomum à narradora,

pelo esforço de pronunciá-lo e pela curiosidade diante de uma forma de pesquisa ainda não conhecida. A lembrança do encontro conserva humor, desconcerto e emoção. Mais tarde, a leitura da dissertação transforma a impressão inicial em trabalho: surge a necessidade de voltar às páginas, observar as formulações e perguntar o que o biografema faz com as relações entre vida, literatura e escrita.

Na dissertação de 2018, a leitura literária e a escrita aparecem vinculadas a experiências desenvolvidas com estudantes do Ensino Médio. Conforme a aproximação realizada neste ensaio, a obra não apresenta a escrita apenas como reprodução de um padrão formal, mas abre espaço para cenas e fragmentos que podem compor outros modos de relação com a leitura. É esse movimento - e não a uma demonstração de resultados quantitativos - que a pesquisadora dirige sua atenção.

A insistência da palavra biografema e de suas variações chama a atenção justamente porque o interesse não está no vocábulo isolado. Ler uma palavra muitas vezes não basta para compreender o que ela opera. A pergunta que passa a acompanhar a leitura é outra: onde o método se faz perceptível quando o nome biografema deixa de ser pronunciado? A resposta ensaiada consiste em observar a composição de gestos, cenas, bilhetes e narrativas que deslocam a ideia de escrever uma vida em linha reta.

É nesse ponto que a passagem de Feil (2019, p. 4) ganha força. O detalhe que ainda não recebeu uma significação definitiva não é um vazio a ser preenchido apressadamente. Pode funcionar como abertura para pensar. A palavra lembrada, a conversa que persiste, o bilhete encontrado ou uma máquina de escrever guardada não têm, por si, o estatuto de prova. Interessa como entram em relação com a leitura e o que permitem formular sem suprimir sua singularidade.

Durante a escrita original deste ensaio, a lembrança de máquinas de escrever pertencentes à família da pesquisadora ganha presença. Máquinas herdadas, adquiridas, guardadas. Não se afirma que elas expliquem a metodologia de Maruju, nem que representem o passado de uma geração. Sua aparição assinala um atravessamento: ao procurar compreender um método de escrita, a própria pesquisadora reencontra objetos e afetos de sua vida. A máquina emerge, então, como problema poético: como se escreve com aquilo que uma leitura faz retornar?

A expressão professora-artista, utilizada na narrativa inicial, procura acolher essa dimensão inventiva. Não se trata de um título profissional ou de uma categoria demonstrada pela análise, mas de uma aproximação afetiva à pesquisadora cuja dissertação mobiliza a

escrita. O gesto de biografemar requer uma sensibilidade capaz de acompanhar fragmentos sem transformá-los em informações intercambiáveis. Nesse exercício, a linguagem pode experimentar ritmos e aproximações diferentes da exposição linear, desde que o leitor consiga reconhecer as fontes e os movimentos argumentativos.

A leitura produz, assim, um resultado importante: o método biografemático não é compreendido, neste percurso, como simples recusa da organização acadêmica. Ele problematiza a pretensão de que o conhecimento se produza apenas pela aplicação de uma forma já determinada. A escritura não é um ornamento acrescentado ao final da investigação. Ela participa do modo pelo qual as relações são percebidas, dispostas e dadas a ler. Rigor e experimentação deixam de aparecer como termos necessariamente incompatíveis.

4.3 ATRAVESSAMENTOS: UMA PROFESSORA-PESQUISADORA EM ESCRITA

O terceiro deslocamento decorre da pergunta sobre quem escreve. A pesquisadora inicia o percurso interessada em compreender uma dissertação e reconhece, ao longo da leitura, que o exercício também altera sua maneira de se perceber. A investigação deixa de ser apenas a procura por uma definição para tornar-se atenção àquilo que a leitura produz: perguntas sobre a docência, memórias de formação, relações entre vida e escrita, inquietações diante dos métodos e desejo de experimentar a linguagem.

Esse movimento não autoriza confundir a experiência de Maruju com a da autora deste ensaio. A dissertação apresenta um percurso próprio, relacionado à leitura literária e à escrita com estudantes do Ensino Médio. O presente texto, por sua vez, resulta de uma leitura situada durante um seminário de pós-graduação. O que as aproxima não é a identidade entre suas situações, mas a possibilidade de pensar que a pesquisa se constitui na relação entre os vestígios com os quais se trabalha e os gestos de quem os acompanha.

Na narrativa de formação, a teoria e a prática deixam de ser imaginadas como domínios completamente apartados. As discussões metodológicas do seminário se prolongam nos cadernos, nas lembranças da docência e na experiência de escrever. A leitura orienta perguntas que retornam à prática; a prática, por sua vez, altera o modo de ler. Não se sustenta, com isso, que qualquer vivência se torne automaticamente conhecimento científico. O exercício acadêmico aparece quando essa relação é descrita, interrogada e colocada em diálogo com as obras estudadas.

Há também uma questão contemporânea que a escrita original coloca em primeiro plano: as palavras podem surgir rápidas, organizadas e aparentemente prontas, mas os rastros de uma experiência não se reduzem à disponibilidade de uma formulação. Uma escrita pode

receber ajuda em sua organização, revisão e apresentação; contudo, suas afirmações precisam permanecer vinculadas ao percurso efetivamente realizado e à responsabilidade de quem assina o trabalho. A singularidade de uma leitura não é garantia de verdade, assim como a correção formal não substitui a implicação da pesquisadora com o que escreve.

"Rastros não se copiam. Afetos não se plagiam." Essa formulação poética sintetiza uma exigência que ultrapassa a estética: distinguir criação, apropriação e referência. No campo da pesquisa, escrever com vidas requer cuidado para não atribuir ao outro uma experiência que não relatou; requer nomear autores e diferenciar citações de interpretações. A atenção às minúcias deve encontrar, portanto, um compromisso ético com aquilo que pode e com aquilo que não pode ser afirmado.

Ao final desse movimento, o aprendizado não se deixa resumir à descoberta de uma ferramenta metodológica a ser replicada. A pesquisadora encontra uma maneira de problematizar a própria relação com o conhecimento. O biografema passa a ser pensado como gesto de acompanhar traços e de admitir que a forma do texto também participa do problema investigado. Desse modo, o método acontece enquanto a escrita se produz, sem que a escrita, por si só, dispense a investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio procurou compreender como o encontro com o biografema, durante um seminário do Mestrado em Educação, desloca a relação de uma professora-pesquisadora com a metodologia e com a escrita acadêmica. A leitura da dissertação de Maruju (2018), em diálogo com Feil (2019) e Maruju, Matos e Ramos (2020), permitiu organizar três resultados interpretativos: as brechas da formação como espaço de atenção ao inesperado; o detalhe como provocação à escrita linear; e os atravessamentos como parte da constituição de quem pesquisa.

As brechas evidenciam que o encontro pedagógico não cabe integralmente no planejamento. Os detalhes mostram que nem toda marca significativa se apresenta previamente como dado importante. Os atravessamentos, por sua vez, tornam perceptível que a pesquisa é realizada por alguém situado, cujas escolhas de leitura e escrita precisam ser explicitadas. Esses movimentos não se oferecem como categorias universais do método biografemático, mas como operadores de leitura que nasceram deste percurso específico.

O trabalho possui limites definidos. Não investiga diretamente as práticas desenvolvidas com estudantes do Ensino Médio, não avalia impactos de oficinas de escrita e

não apresenta entrevistas ou dados empíricos independentes. Sua contribuição está na reflexão metodológica e na elaboração de uma escrita acadêmica capaz de acolher a singularidade sem abandonar a precisão das referências e das afirmações. Estudos posteriores podem examinar, com materiais próprios e procedimentos explicitados, outras experiências educativas atravessadas por essa perspectiva.

Ao retornar ao início, a frase “São nas brechas que a vida acontece” adquire um sentido menos conclusivo do que interrogativo. Não se trata de escrever uma vida inteira nem de encontrar uma fórmula capaz de organizá-la. Trata-se de acompanhar aquilo que deixa rastros, reconhecer os encontros que deslocam uma pergunta e oferecer ao leitor as condições para percorrer a interpretação construída. A pesquisadora procura compreender o biografema e, nesse exercício, percebe-se também atravessada pelas leituras, pelas mulheres, pela professora e pelas palavras que permanecem.

REFERÊNCIAS

FEIL, Gabriel Sausen. O método biografemático: escritura nova em educação. *Educação*, Santa Maria, v. 44, e29466, 2019. DOI: 10.5902/1984644429466. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/29466. Acesso em: 21 maio 2026.

MARUJU, Viviane Cristina Pereira dos Santos. *Práticas de leitura literária e escrita no Ensino Médio: a vida em biografema*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2018.

MARUJU, Viviane Cristina Pereira dos Santos; MATOS, Sônia Regina da Luz; RAMOS, Flávia Brocchetto. Ler e escrever vidas em biografema no Ensino Médio. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento; CARBONARA, Vanderlei (org.). *Educação em pesquisa: história, práticas educativas, linguagens e tecnologias*. Caxias do Sul: Educs, 2020. p. 281-295. (Coleção Educatio, v. 10).